



GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Maria Ismênia Leite de Sousa¹
José André de Andrade²
Vivia Borges da Silva³

RESUMO

O presente artigo trata das questões inseridas no cotidiano da escola de educação básica, no ensino médio, com a temática: Gênero e diversidade na escola: desafios e possibilidades na construção de uma pedagogia libertadora. O trabalho tem o objetivo refletir sobre gênero e diversidade na educação e os desafios na práxis do ensino. A metodologia foi de natureza qualitativa, este trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica e de rodas de conversas com adolescentes do ensino médio de uma escola pública, na cidade de Assaré (CE). Os resultados revelaram que não há uma sólida construção curricular sobre a questão de gênero e diversidade no espaço escolar. Conclui-se que existe a necessidade de políticas públicas que contemplem a inserção de gênero e diversidade no currículo escolar.

Palavras-chave: Gênero, Educação Básica, Diversidade.

INTRODUÇÃO

A escola é uma importante instituição na construção da consciência crítica dos cidadãos, em suas peculiaridades e diferentes grupos pertencentes, assim tratando e intervindo nas diversas atitudes ou comportamentos de cunho discriminatório que venha surgir por parte desses sujeitos.

Diante da necessidade apresentada no cotidiano do espaço escolar nos diversos desafios e inquietações apresentadas por parte dos educadores, é que se foi pensado e planejado um

¹Metrandia em Educação da Universidade Regional do Cariri- URCA, ismenialeite.2020@gmail.com;

² Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Cariri - UFCA, joseandredeandrade@gmail.com;

³Metrandia em Educação pela Universidade Regional do Cariri-URCA, vivia.silva@urca.br;

momento formativo utilizando a metodologia de roda de conversa com estudantes e professores, com o objetivo de desconstruir conceitos discriminatórios existentes nas relações cotidianas entre os estudantes, assim como construir conhecimentos e informação sobre a temática envolvendo o conceito e diferença de gênero e diversidade na sociedade atual.

Assim pensando em oportunizar através do diálogo a troca de conhecimentos com intervenções quando houver necessidade por parte dos educadores presentes. Por compreender que muitos dos comportamentos reproduzidos de diversas maneiras no ambiente escolar, são reflexos de uma sociedade tradicional conservadora em que tem na sua base estrutural, conceitos e práticas discriminatórias e excludentes do Ser, herdados de um passado histórico colonial. Em concordância com Freire(2020, p.101) “Assim vivemos todo o nosso período de vida colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir era a do púlpito”. Diante do que nos apresenta o autor, o silêncio foi, no período colonial, a ferramenta mais eficaz de opressão aos homens e mulheres subordinados e doutrinados a um sistema opressor.

Tratar através de práticas pedagógicas inovadoras momentos que oportunizam a troca de diálogo entre estudantes com diferentes visão de mundo e de valores, ainda é um grande desafio para efetivação de uma educação inclusiva pautada no respeito entre os cidadãos e suas diferenças nas relações, para que a partir daí os sujeitos tenham possibilidades de construção em uma visão crítica e inovadora sobre si e sobre o outro dentro das relações humanas.

Mesmo diante das abordagens e estudos realizados por diversos teóricos envolvendo a temática de gênero na escola, ainda é um desafio tratar dessas questões de forma democrática. Falta informação sobre o conceito de gênero, gerando assim especulação e preconceitos, o que gera exclusão, distanciamento e desigualdades entre os estudantes. Aprofundar o diálogo sobre o conceito de gênero e sua construção durante as práticas pedagógicas. se faz necessário e urgente.

A escola pública em seu dinamismo recebe anualmente uma demanda de estudantes pertencentes às diversas etnia, gênero e classes sociais, sendo esses sujeitos, reprodutores no ambiente escolar nas suas experiências e conceitos vividos ao longo das suas vidas, tendo a

escola relevante papel social em desenvolver na vida desses sujeitos autonomia e capacidade de apropriação de decisão sobre a vida.

Tratar a temática da igualdade de gênero, é antes de tudo trazer um olhar mais humano para as diversas formas de silenciamentos que permeiam a estrutura da sociedade brasileira. Diante da pluralidade de informações direcionada ao ambiente escolar, a forma mais eficaz de desconstruir toda e qualquer forma de preconceito ainda é a informação, assim, buscar abordar junto aos estudantes LGBTQUIA^{pn+}, a importância do respeito entre os seres em suas diversidades, tornando a sala de aula um ambiente mais humano, empático e acolhedor.

Sendo a escola uma instituição de importante contribuição na produção e reprodução da formação social dos sujeitos devendo assim, despertar e encorajar nesses, suas potencialidades e capacidades de diálogo envolvendo os diversos temas presentes no cotidiano. Como nos afirma Gadotti, (1997,pág 9) “Educar significa, então, capacitar, potencializar, para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta, significa formar para a autonomia”.

A educação como possibilidade de transformação dos sujeitos

Essa formação para autonomia, significa uma educação que também discuta a realidade desses educandos, contextualizando as suas vivências para uma leitura de mundo. Se o espaço escolar se compõe de sujeitos, a diversidade é inerente às pessoas, assim como a questão de gênero. Se faz necessário que a escola e os educadores busquem essas abordagens qualitativas e conhecimento que efetivem a capacidade de elucidar o discurso entre educadores e estudantes na perspectiva de práticas pedagógicas transformadoras.

Dentro dessa realidade, oportunizando aos estudantes através do diálogo sistematizar suas vivências, buscando conhecer-se enquanto sujeito transformador dentro da sociedade. A partir de suas atitudes, desconstruir antigos conceitos alienantes que perpetuam dentro da sociedade hierarquicamente machista e misógina, construída para homens. O conceito de gênero oportuniza essa apropriação social e o respeito de quem somos e o que queremos dentro de um livre projeto pessoal.

A educação escolar não pode contemplar dentro das práticas pedagógicas, somente as temáticas presentes no currículo das disciplinas, se faz necessário oportunizar debates, discussão e diálogos sobre as diversas temáticas sociais que envolvem a vida dos educandos

dentro e fora do ambiente escolar, visto que o estudante da atualidade tem acesso fácil a toda informação no contexto das relações.

Ainda se percebe uma falta de identificação dos estudantes ao iniciar o Ensino Médio com a comunidade escolar. O que nos leva a compreender que a escola é diversa e que deve contemplar em seu cotidiano estratégias de acolhimento levando os sujeitos a se sentirem pertencentes ao ambiente escolar de forma integrada. Pois, são inúmeros os reflexos relacionados a essa questão, indo desde a falta de identificação, de pertencimento, que vai decorrendo no aumento da infrequência escolar, levando na maioria das vezes ao abandono desses estudantes. Por refletir no ambiente escolar a realidade da sociedade, ainda encontramos dentro da sala de aula, estudantes com comportamentos de cunho discriminatórios, diante de outros estudantes que assumem sua identidade de gênero ou escolhas diferentes do que esses grupos consideram padrão.

A referência social mostra que ainda vivemos uma sociedade tradicional, com padrões de família e pessoas, o que termina por deixar de fora grande parte de pessoas com conceitos e comportamentos diferentes, gerando uma grande desigualdade e exclusão. Uma realidade produzida a partir do processo colonial para a produção de riquezas a partir do trabalho escravagista. Sobre o movimento feminista envolvendo a pauta das mulheres negras, BENITEZ, Maria Elvira Diaz(2020), nos confirma: “Embora o feminismo negro tenha tido suas origens nos anos de 1960 com as lutas do movimento negro nos Estados Unidos, foi nos anos de 1970 que o movimento de mulheres começou a ter dinâmicas próprias quando, dentro do movimento, algumas pensadoras começaram a questionar o lugar das mulheres negras na sociedade, entre elas escritoras como⁴Toni Morrison e Alice Walker”.

Se tratando das problemáticas de gênero, as situações de injustiça e violência são mais frequentes com mulheres negras no contexto da sociedade brasileira. A mulher negra sempre esteve à frente do trabalho, seja na lavoura com seus conhecimentos e técnicas, nos cuidados domésticos da casa grande garantindo o sustento da família ou no trabalho de babá cuidando

⁴ Toni Morrison foi uma escritora norte-americana e a primeira mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura, em 1993. Mas os méritos da prolífica autora americana não se traduzem apenas em suas inúmeras premiações e condecorações: a exclusividade e ineditismo de algumas delas, no entanto, indicam vitórias que ultrapassam os limites da literatura.

Alice Walker (nascida em 1944) é uma escritora e ativista estadunidense. Há em sua obra mais de três dezenas de livros de ficção, poesias e ensaios publicados. Em seus trabalhos, temas como violência, estupro, relações multi-geracionais, sexismo e racismo são recorrentes.

dos filhos da ⁵branquitude, muitas vezes abrindo mão dos cuidados com seus próprios filhos. Em se tratando da violência do racismo envolvendo gênero, as desigualdades se tornam mais graves com a população negra. O que o movimento feminista negro só veio se instituir tardiamente incluindo as causas e denúncias vividas por essas mulheres tornando-se uma pauta diferenciada da luta das mulheres brancas. Na verdade, a luta das mulheres negras é por dignidade, direito de existir nos diversos espaços da sociedade com dignidade.

A questão do gênero e da racialidade é o fator de maior discriminação e exclusão entre os seres. Sobre o conceito de gênero, LOURO (1997) define gênero como: “O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos”. Diante da afirmação da autora, podemos nos apropriarmos da ideia de pluralidade, planejando estratégias de práticas pedagógicas envolvendo a discussão de gênero e sua diversidade em compreendermos o outro dentro das suas escolhas e orientações de vida sem a necessidade de classificação biológica com objetivo de diminuir o valor do outro, priorizando o respeito.

A falta de formação continuada para educadores da educação básica, favorece a continuidade do sistema opressor dentro de uma sociedade carregada de atos discriminatórios. Potencializar estudos e debates para uma maior apropriação que assegure aos educadores o trabalho com pautas voltadas para os direitos humanos na desconstrução de conceitos alienados geradores de desigualdades e exclusão.

Na maioria das vezes boa parte dos estudantes, silenciam seu sofrimento diante de determinadas violências, por desconhecerem sobre seus direitos básicos de cidadão em outras situações, esses educandos vem de um contexto histórico de discriminação naturalizada. Assim, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que oportunizem o diálogo e debate, rompe com essa cultura do silenciamento, despertando assim, a criticidade do ser para inconformação de injustiças. Como nos afirma hooks (2017. pág,153) “A falta de familiaridade com os temas em discussão pode levar os alunos negros a se sentir em desvantagem não só academicamente, mas também culturalmente.”

É urgente que na práxis educativa a questão da igualdade de gênero, orientação sexual e diversidade racial estejam presentes no currículo para preparar esses estudantes para enfrentar situações e atos discriminatórios. Compreendendo assim, a necessidade em envolver

⁵Branquitude é um pacto não verbalizado de preservação de um grupo nos melhores lugares sociais (Cida Bento, 2022).

os alunos nas práticas pedagógicas, que oportunizem o pertencimento, fazendo com que estes se sintam representados enquanto protagonistas nas diversas potencialidades. Uma pedagogia libertadora que possa proporcionar a leitura do mundo e emancipar esses estudantes que estão dentro dessa realidade social de exclusão.

O que percebe-se no ambiente escolar é que muitos estudantes negros e negras não se reconhecem e muitas vezes naturalizam ou até reproduzem comportamentos racistas, como também presencia-se mulheres com atitudes machistas. Compreendendo assim, uma falta de apropriação identitária, que corrobora com o pensamento de Freire (1996, pág.76), “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

Para que a escola efetivamente se torne democrática é necessário desenvolver estratégias de acolhimento em que contemplem as necessidades e problemáticas apresentadas por seu público considerando suas especificidades. As desigualdades presentes no contexto social, tem sido alicerce para exclusão dos seres, colaborando para o aumento das desigualdades sociais.

As políticas de favorecimento da reprodução do capitalismo têm sido cada vez mais incentivadas na busca de produção de mão de obra humanizada, que tenha possibilidade de servir a esse público determinado no universo da sociedade contemporânea. A escola tem sido o lugar mais visado enquanto produtora dessas mãos de obra humanizada que atenda as necessidades do comércio conduzido por empresários.

Diante das abordagens e estudos realizados por diversos teóricos sobre as questões envolvendo gênero, diversidade e orientação sexual na escola, se percebe a necessidade que seja desenvolvido momentos formativos com educadores para construção de conhecimentos sobre essas temáticas. Para que os mesmos se apropriem dessas causas como necessárias e possam ser trabalhadas nos conteúdos em sala de aula, sendo mediadores de conflitos envolvendo discussões de gênero e raça no cotidiano pedagógico.

Aspectos metodológicos do estudo

Esta pesquisa partiu da necessidade apresentada no ambiente escolar de envolver nas práticas pedagógicas a pauta sobre gênero e diversidade, nas turmas de 2º ano e 3º do ensino médio, em um total de 26 alunos presentes de uma escola pública de Assaré no ano de 2023,

com a temática envolvendo gênero, diversidade e orientação sexual nas relações entre os estudantes nos diálogos muitas vezes discriminatórios no cotidiano escolar, como afirma Freire,(2020, p. 122) “Daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação”. Como nos encoraja Freire, sobre a necessidade de se produzir conhecimento para enfrentamento às desigualdades ou qualquer ato de discriminação, sendo o conhecimento ainda a forma mais eficaz de se pensar uma sociedade mais humana.

A roda de conversa, foi iniciada com leitura reflexiva fundamentada no Conto Maria, da obra Olhos d’ água de Conceição Evaristo, como estratégia de envolvimento dos estudantes sobre o que o conto aborda, nas diversas violências presentes no conto, refletindo sobre as vivências dos educandos. Em seguida foi apresentada através de slide a temática com o objetivo que seria aquele momento, iniciando com o conceito de gênero segundo (SCOTT, 2009, p. 12-13).“Gênero é um saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida”. Nesse contexto, o conceito de gênero (SCOTT, 2009), apresentado foi mediado para um entendimento mais didático. Apresentou-se que o gênero masculino e feminino que a sociedade compreende, é uma construção social. E que existem variações dependendo da cultura, dos grupos humanos distintos e até da temporalidade e que cada ser é livre dentro do seu pertencimento. Foi oportuno, também para discutir a diferença entre gênero e orientação sexual, conceito que se apresentou estranho para muitos estudantes.

No segundo momento, foi apresentado através de slides e utilizando imagens com a sigla LGBTQIAPN+, e seu significado, dando ênfase à data de 17 de maio, dia de combate a LGBTQIfobia e os diversos tipos de violência de gênero ainda decorrente da violência discriminatória. Para esse momento foi utilizado imagens com pessoas em situação de violência objetivando sensibilizar o olhar dos estudantes sobre os resultados de práticas discriminatórias, que geralmente inicia com a violência verbal indo até homicídio reflexão sobre a gravidade dos seus comportamentos, sendo necessário compreender e respeitar o outro dentro da sua diversidade.

Utilizando de uma metodologia qualitativa para desenvolver esse momento de trocas e construção de conhecimentos, foi se observando, as falas que foram surgindo procurando compreender os tipos de atitudes e discursos durante este momento em que os estudantes se

expressavam falando de si ou relatando fatos que foram presenciados de cunho discriminatório. O diálogo se deu de forma tranquila e participativa, em seguida com as intervenções e direcionamentos por parte dos educadores, os estudantes agiam com atitudes respeitadas sobre as falas, reconhecendo a gravidade de algumas “brincadeiras” que poderiam decorrer em sofrimento, exclusão e até abandono por parte de alguns colegas não suportarem.

Após esse momento, foram distribuídos cartões contendo perguntas em referência as passagens do conto Maria, fazendo uma relação com as vivências e conhecimentos por parte dos estudantes sobre as diversas desigualdades decorrentes de ações discriminatórias. Buscando refletir com os estudantes a possibilidade de ressignificar a história no contexto da atualidade. Refletindo por exemplo, se Maria fosse uma mulher negra trans, como seriam as possíveis violências sofridas?

Para este momento foram diversas as colocações, porém percebendo por parte dos estudantes expressar com naturalidade seus conceitos sobre as relações humanas e suas diferenças. Ampliando a discussão do texto, envolvendo a questão das desigualdades sociais presente nas vivências de muitas mulheres negras do Brasil, nesse contexto, de uma sociedade racista e desigual, onde muitas mulheres negras na atualidade estão em condições de trabalho análogo a escravidão sem acesso as políticas públicas que oportunize uma vida digna a esses Seres.

Em seguida foi entregue aos estudantes questionário sobre as abordagens presentes no conto “Maria”, para que os mesmos respondessem dando um novo caminho ao conto sobre a possibilidade de Maria ser uma mulher trans, assim como dando um novo desfecho sobre o ocorrido com Maria dentro do ônibus.

Assim, entendemos que a educação é um equalizador das relações de gênero, mas que seu efeito depende de apoio das demais instituições sociais. Naquele momento, a comunicação foi de extrema importância para os estudantes avaliarem a roda de conversa, descrevendo com uma palavra qual a importância daquela temática abordada para a vida de cada um na convivência com seus pares, onde dentre as respostas podemos concluir todas em: o respeito ao próximo é o que nos torna mais humanos.

Foi observado o quanto esses momentos são necessários para a construção de uma consciência mais humana desses sujeitos(meninos) em que foi possível perceber em suas falas, viverem imbricados de comportamentos homofóbicos e preconceituosos como estratégias de se autoafirmarem na sua masculinidade. Para finalizar a roda de conversa, foi

apresentado o clipe da canção vozes do silêncio de Carlinhos Brown, fortalecendo tudo que foi discutido durante a roda de conversa. Foi um momento significativo e muito participativo com os estudantes.

Gênero e diversidade: Desafios para uma pedagogia libertadora

A educação escolar no Brasil, ainda reflete o processo de colonização que norteou as bases desse processo dentro de uma visão eurocêntrica de cunho excludente em que o patriarcado ainda se mantém mesmo que de forma sutil nas relações, continua reproduzindo desigualdades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 efetivou-se de forma tardia dentro do contexto de inclusão da população brasileira na sua diversidade, gerando assim um grande número de exclusão de pessoas que foram impedidas de ter acesso às políticas públicas .

As políticas educacionais vem passando por diversas modificações de cunho reformistas, ao longo do processo histórico educacional do Brasil a partir de 1549, justificando contemplar os sujeitos envolvidos nesse processo. Reformas essas que são resultados de lutas e reivindicações dos movimentos sociais, movimentos negros, movimentos de mulheres, entre outros, que se percebem excluídos das políticas públicas educacionais.

Atualmente a educação básica brasileira, é orientada no seu currículo como documento norteador pela Base Nacional Comum Curricular -BNCC, porém as temáticas envolvendo os direitos humanos não são contemplados com formação continuada, ou material de apoio aos educandos. Assim, não tendo aprofundamento sobre a discussão envolvendo a política de gênero e diversidade na formação de professores e no planejamento de práticas pedagógicas inovadoras envolvendo essa temática.

Se faz necessário trazer para o espaço da sala de aula práticas inovadoras com foco na criticidade de construções dos movimentos sociais. A importância de estudo qualitativo nas abordagens de gênero diversidade e orientação sexual, com a finalidade de ampliar o contexto da prática pedagógica desses debates. Como nos afirma (FREIRE,2020,P.82) É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse momento formativo, utilizando-se da metodologia de rodas de conversa, objetivou ampliar a participação dos docentes e discentes no debate com mais naturalidade possível, discutindo e compreendendo o conceito de gênero, diversidade e orientação sexual, dentro de um processo histórico das lutas feministas distinguindo entre sexualidade e identidade de gênero .

Conclui-se que existe a necessidade de efetivação de uma legislação que contemple o ensino de gênero, diversidade e orientação sexual na educação básica, alterando a Lei de Diretrizes e Bases- LDB. Infelizmente a grande dicotomia que acontece no cenário nacional, onde há um enfrentamento de grupos reacionários e fundamentalistas contra propostas progressistas de um ensino que insira a igualdade de gênero, tem dificultado esse avanço.

Assim, iniciativas da sociedade civil e grupos organizados vem construindo uma praticidade para esse enfrentamento, mobilizando a sociedade cobrando mudanças necessárias e principalmente realizando ações formativas. As disciplinas ofertadas nos cursos de pós-graduação para professores em que discute a educação, gênero e diversidade, são imprescindíveis para suprir essa carência de uma legislação.

A realidade da escola atualmente é de carência quanto a formação dos professores em conhecimento de gênero e a demandas dos estudantes que enfrentam as mudanças são cada vez maiores. Enquanto não se conquista uma mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação quanto ao ensino de gênero e diversidade, as disciplinas de que discutem gênero nos cursos de formação de professores, destacam-se como uma disciplina obrigatória e necessária para a práxis do docente na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BASÍLIO, E. F.; CASTRO, E. R.; RIBEIRO, L. T. F. **Escola e avaliações externas: implicações de um modelo de educação dirigido para resultados.** Revista South American Journal of Basic Education, Technical and Technological, Rio Branco, UFAC. p. 545 - 558, v.8, n.2, jan/abr 2021.
Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4696/3138>>
Acesso em: 14 de junho de 2023.

EVARISTO, Conceição. Olhos de água. 2º ed. Rio de Janeiro-RJ: pallas Mini, 2018.

- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 13 ed - São Paulo: Cortez, 2010.
- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 4º ed- São Paulo: Cortez, 1997.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KUENZER, Acacia Zeneida. **Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada**. Anais. Reunião Científica Regional da ANPED – XI ANPED SUL. Curitiba/PR, 2016. p. 1 – 22. Disponível em: <<http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educação-e-Trabalho.pdf>> Acesso em: 22 de maio de 2023.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa - O neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução Mariana Exalar. -1.ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** – 12. ed. - São Paulo, Cortez, 2010.
- LOPES, Alice Casimiro. **Políticas curriculares: continuidade ou mudança de rumos?** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, p. 109 - 118, n. 26, Maio /Jun /Jul /Ago 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bjF9YRPZJWWyGJFF9xsZprC/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 07 de junho de 2023.
- LOURO, G. L. **Nas redes do conceito de gênero**. In: LOPES, M. (Org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.
- MENEGÃO, Rita de Cássia Silva Godoi. **Os impactos da avaliação em larga escala nos currículos escolares**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, p. 641-656, v. 11, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>> Acesso em: 22 de maio de 2023.
- MONTENEGRO, Ong Ação Educativa e O Instituto Paulo. **Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf)**. São Paulo: Ação Educativa, 2018. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 04 jun. 2023.
- RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, [s. l], v. 01, n. 60, p. 144-158, 1997.
- Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais/** organização e apresentação Heloisa Buarque de Holanda; autoras Adriana varejão...[et al], -1.ed.-Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. 3ed. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2021.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. – 2. ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

